

VIVÊNCIAS ACADÊMICAS NA LAPS: A MATERNIDADE SOLO COMO EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EM SAÚDE MENTAL DE COMUNIDADES ESPECÍFICAS

LAVINIE SOUZA FRENZEL¹

MAITÊ PETERS TEIXEIRA²; JÚLIA ANDRADE BARBIER³; JOSUÉ MATHIAS CARDOSO⁴

PROF^a. ROSANE PINHEIRO KRÜGER FEIJÓ⁵

¹*Universidade Católica de Pelotas (UCPel) – Lavinie.frenzel@sou.ucpel.edu.br*

²*Universidade Católica de Pelotas (UCPel) – Maite.teixeira@sou.ucpel.edu.br*

³*Universidade Católica de Pelotas (UCPel) – Julia.barbier@sou.ucpel.edu.br*

⁴*Universidade Católica de Pelotas (UCPel) – Josue.cardoso@sou.ucpel.edu.br*

⁵*Universidade Católica de Pelotas (UCPel) – Rosane.feijo@ucpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

A Liga Acadêmica de Psicologia e Saúde (LAPS) constitui-se como um espaço de formação acadêmica complementar, cujo objetivo é articular ensino, pesquisa e extensão em torno de temáticas relevantes para a saúde mental, ampliando a formação do estudante para além do cenário clínico tradicional. A LAPS oferece oportunidades para desenvolvimento de competências teóricas, metodológicas e práticas, promovendo reflexões críticas sobre questões sociais e vulnerabilidades específicas.

O funcionamento da Liga é estruturado a partir de um tema central semestral, a partir do qual os membros selecionam subtemas de interesse. Cada participante contribui com uma perspectiva individual, enquanto se beneficia da troca de saberes coletivos, fortalecendo a compreensão sobre fenômenos sociais e psicológicos (Amarante, 2007).

No semestre 2024/2, o tema central foi “Saúde Mental de Comunidades Específicas”, com enfoque em grupos sociais historicamente marginalizados ou em situação de vulnerabilidade. Dentro desse escopo, a maternidade solo emergiu como subtema relevante devido aos desafios sociais, econômicos e emocionais enfrentados por essas mulheres, bem como o impacto significativo na saúde mental materna e na dinâmica familiar (Pereira & Silva, 2018).

Historicamente, a maternidade solo no Brasil esteve associada à estigmatização, desigualdade de oportunidades e limitações no acesso a direitos sociais, especialmente para mulheres negras, de baixa renda ou em contextos de precariedade social (Martins, 2016; Souza & Gomes, 2019). Esses fatores interagem com questões subjetivas, como sentimentos de culpa, sobrecarga emocional e estresse crônico, ampliando os riscos de adoecimento psicológico e impactando o desenvolvimento infantil (Costa, 2020).

O estudo da maternidade solo permite refletir sobre determinantes sociais da saúde mental e sobre como políticas públicas e práticas profissionais podem atuar na promoção de equidade e apoio às mães em situação de vulnerabilidade (Barbosa & Santos, 2020). Além disso, evidencia a necessidade de que a Psicologia extrapole o setting clínico individual e se insira em contextos

comunitários, atuando de forma crítica e engajada socialmente (Amarante, 2007; Minayo, 2012).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O desenvolvimento da atividade foi estruturado em etapas complementares. Inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica ampla, envolvendo artigos científicos, livros, dissertações, relatórios institucionais e documentos de políticas públicas. O foco foram produções que abordassem a maternidade solo sob perspectiva interseccional, considerando desigualdades de gênero, raça e classe. Também foram analisados dados estatísticos nacionais sobre famílias monoparentais, permitindo identificar padrões e demandas específicas da população estudada.

A fundamentação teórica adotou referenciais da Psicologia Social e da Saúde Coletiva, que possibilitam compreender a maternidade solo como fenômeno social e não apenas individual. Esse olhar permite analisar como fatores estruturais — pobreza, falta de políticas de apoio, estigma social — impactam a saúde mental da mãe e interferem em sua capacidade de cuidado, reforçando a necessidade de intervenções que considerem tanto a dimensão individual quanto coletiva (AMARANTE, 2007; BAREMBLITT, 2001).

Após o levantamento teórico, foi elaborada uma apresentação formativa destinada ao público interno da LAPS, composta por acadêmicos de diferentes semestres. Optou-se pela exposição dialogada, com slides que sintetizavam conceitos, dados estatísticos e referências teóricas. A metodologia visou estimular o debate, promover a problematização de questões sociais e encorajar a reflexão sobre a aplicação prática do conhecimento psicológico em contextos de vulnerabilidade.

A dinâmica da atividade incluiu discussões sobre experiências cotidianas de mães solo, análise de políticas públicas e estratégias de apoio comunitário, permitindo aos participantes integrar teoria e prática de forma crítica. Além disso, essa abordagem incentivou o desenvolvimento de competências investigativas, habilidades de comunicação e reflexão ética, consolidando a LAPS como espaço de formação acadêmica ampliada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência evidenciou desafios metodológicos e teóricos, especialmente pela escassez de estudos científicos que abordem a saúde mental de mães solo de forma específica. Essa lacuna evidencia a necessidade de pesquisas interdisciplinares que articulem gênero, maternidade e vulnerabilidade social, oferecendo subsídios para políticas públicas mais inclusivas e para práticas profissionais que respeitem a realidade das mulheres.

Outro desafio foi adaptar o conteúdo para diferentes níveis de conhecimento acadêmico, mantendo a apresentação instigante e acessível. A utilização de exposição dialogada e recursos visuais demonstrou-se eficaz para engajar os participantes e promover a construção coletiva de saberes.

Entre os principais aprendizados, destaca-se a relevância de inserir a Psicologia em contextos coletivos e comunitários, ultrapassando a atuação clínica tradicional. A experiência reforçou a compreensão crítica dos estudantes sobre determinantes sociais da saúde mental, sensibilizando-os para a importância de reconhecer comunidades frequentemente invisibilizadas.

Além disso, a vivência permitiu refletir sobre estratégias de intervenção que priorizem promoção da saúde, prevenção do adoecimento e apoio comunitário, fortalecendo a compreensão de que a Psicologia pode e deve atuar de forma engajada e socialmente responsável.

Por fim, experiência na LAPS consolidou-se como espaço formativo essencial, integrando pesquisa, ensino e extensão em saúde mental. O estudo da maternidade solo proporcionou aos estudantes o desenvolvimento de competências investigativas, habilidades comunicativas e sensibilidade prática para lidar com demandas sociais complexas.

A experiência reforça a necessidade de políticas públicas inclusivas, do fortalecimento de redes de apoio e da promoção de práticas profissionais que considerem determinantes sociais da saúde mental. Também evidencia o papel transformador da Psicologia quando aplicada de forma socialmente engajada, colaborativa e reflexiva, contribuindo para a formação de profissionais capazes de atuar de forma crítica e humanizada na sociedade.

O contato com a realidade das mães solo permitiu aos estudantes compreender que a promoção da saúde mental deve estar articulada à justiça social, equidade de gênero e inclusão, reforçando o compromisso da Psicologia com a transformação social e a construção de comunidades mais saudáveis.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

BARBOSA, R. M.; SANTOS, L. P. **Saúde mental e maternidade solo: desafios para a Psicologia Social**. Psicologia em Estudo, v. 25, n. 2, 2020.

COSTA, A. C. A maternidade solo no Brasil contemporâneo: repercussões sociais e psicológicas. 2020.

MARTINS, L. **Famílias monoparentais no Brasil: vulnerabilidades e políticas públicas**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 31, n. 92, 2016.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

PEREIRA, A.; SILVA, M. **Maternidade solo e saúde mental: desafios contemporâneos**. Revista Psicologia & Sociedade, v. 30, n. 1, 2018.

SOUZA, F.; GOMES, R. **Maternidade solo e desigualdades sociais**. Cadernos de Saúde Pública, v. 35, n. 4, 2019.